



Cotidiano

Maria Renata de Almeida Vianna

Ele está concentrado. Olha ao microscópio. Desde que se formou médico estuda as questões da Neurologia e o seu interesse profissional sempre foi a pesquisa. Nunca se sentiu incomodado em viver a vida ao modo desses estudiosos: quietude, solidão e muita paciência. Lida bem com o fato de que não controla o encaminhamento de cada um dos seus estudos. Poderia sentir ansiedade, mas não é o que acontece, tem muita calma e paciência, talvez por isso seja tão bem sucedido. Hoje olha ao microscópio um corte de tecido cerebral. Esse é o seu estudo desde há muitos anos. E embora pareça algo frio, afinal é um pedaço de tecido do corpo colocado entre duas pequenas laminas de vidro, quer saber sobre a pessoa. Naquela amostra especificamente há uma redução do número de neurônios. Houve uma mudança. Hoje, estranhamente, quer saber sobre o futuro. Aqueles neurônios seriam substituídos? Ou os neurônios estão perdidos para sempre? Uma ruga funda aparece entre as suas sobrancelhas. Está preocupado com a esposa. Hoje pela manhã durante o café na mesa do jardim ela perguntou (é a terceira vez) sobre o conserto do carro.

Ela está sentada em uma cadeira no jardim. Na mesa ao lado há uma sacola de pano. O seu cabelo é branco, uma dessas mulheres que não se assusta com a velhice. Usa um vestido azul, comprido. Faz tricô, concentrada. Percebe que errou um ponto, desmancha e refaz, enquanto pensa que precisava fazer algo. O quê? Resolve levantar-se e caminhar pelo jardim e dentro da casa. Quem sabe ao fazer isso se lembra. Olha a mangueira enrolada junto à torneira. O lixo. As folhas secas varridas embaixo da árvore. A chaleira no fogão. Percorre a casa olhando tudo a sua volta. Mas não se lembra. Volta ao jardim e recomeça o trabalho. Concentrada.

Ele apresenta o trabalho e é bastante eficiente. Fala aos colegas e ao mesmo tempo pensa na sequência de estudos e descobertas feitas ao longo do tempo. Embora nem sempre as passagens sejam nítidas, sabe que há um encadear de ideias. Gosta disso. E se prepara para voltar para casa.

Ela está no jardim. Faz tricô e se sente muito bem aí. Já é tarde e não há mais sol. Começa a sentir frio, é começo de outono. Por causa dele, lembra-se do casaco vermelho. Tinha sete anos. Época difícil para a família, os pais não tinham dinheiro suficiente. Ela sabia disso, mesmo sendo apenas uma criança. Um dia, saindo com a mãe, viram uma blusa vermelha sobre a mureta que separava o jardim da casa, da calçada. Tinha sido esquecida ali. Usou aquele casaco durante aquele inverno. Não era quente. Sentiu frio naquele ano.

Ele, embora esteja escuro e faça muito frio, sai pelo pequeno portão de madeira da casa. Escolhe caminhar pela sua esquerda porque há uma pequena subida que o atrai. Significa mais esforço físico. Sente que isso o fará sentir-se melhor. Gostaria apenas de caminhar e se cansar. Sem pensar. Mas não pode. Está preocupado com a mulher e os seus esquecimentos. Não sabe como lidar com aquilo. Não quer voltar para casa.